



## QUANDO OBJETOS GANHAM VOZ: O CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFRGS PELAS RELAÇÕES DE AFETO PRODUZIDAS NA VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Ana Carolina Gelmini de Faria  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
[carolina.gelmini@ufrgs.br](mailto:carolina.gelmini@ufrgs.br)

Eráclito Pereira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil  
[eraclito@ufrgs.br](mailto:eraclito@ufrgs.br)

### RESUMO

O programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* preserva e investiga o itinerário da Museologia na referida universidade, com ações de salvaguarda e comunicação voltadas para a preservação desse recorte da História da Educação. A pandemia da Covid-19 estimulou a equipe a executar estratégias de vínculo identitário no decorrer do isolamento social. Uma das propostas foi a elaboração da subcoleção Afetividades Sonoras, que tem por objetivo coletar narrativas orais vinculadas ao patrimônio histórico-educativo pela perspectiva dos sujeitos envolvidos. A iniciativa estimula a partilha de experiências que a dimensão material não contempla isoladamente. Esse processo valoriza as pessoas e suas relações, estas mediadas pelos objetos.

**Palavras-chave:** Patrimônio histórico-educativo. Coleções digitais. Afetividades sonoras.

## CUANDO LOS OBJETOS GANAN VOZ: EL CURSO DE MUSEOLOGÍA DE LA UFRGS POR LAS RELACIONES AFECTIVAS PRODUCIDAS EN LA EXPERIENCIA UNIVERSITARIA

### RESUMEN

El programa de extensión de Museología en la UFRGS: trayectorias y memorias preserva e investiga el itinerario de la Museología en esa universidad, con acciones de salvaguarda y comunicación encaminadas a preservar esta sección de la Historia de la Educación. La pandemia de Covid-19 estimuló al equipo a implementar estrategias de vinculación de identidad durante el aislamiento social. Una de las propuestas fue la elaboración de la sub colección Afetividades sonoras, que tiene como objetivo recoger narrativas orales vinculadas al patrimonio histórico y educativo desde la perspectiva de los sujetos involucrados. La iniciativa fomenta el intercambio de experiencias que la dimensión material no considera de forma aislada. Este proceso valora a las personas y sus relaciones, que están mediadas por objetos.

**Palabras clave:** Patrimonio histórico-educativo. Colecciones digitales. Afetividades sonoras.

## WHEN OBJECTS GAIN VOICE: THE MUSEOLOGY COURSE AT UFRGS BY THE AFFECTIVE RELATIONSHIPS PRODUCED IN UNIVERSITY EXPERIENCE

### ABSTRACT



The extension program Museology at UFRGS: trajectories and memories preserves and investigates the itinerary of Museology at the university campus, with safeguarding and communication actions aimed at preserving this section of the History of Education. The Codiv-19 pandemic encouraged the team to establish identity bond strategies during social isolation. One of the proposals was the preparation of the Sonorous Affectivities sub-collection, to collect oral narratives linked to historical and educational heritage from the perspective of the involved subjects. The initiative encourages the sharing of experiences that the material dimension does not consider in isolation. This process values people and their relationships, which are mediated by objects.

**Keywords:** Historical and educational heritage. Digital collections. Sonorous affectivities.

## QUAND LES OBJETS GAGNENT DE LA VOIX: LE COURS DE MUSEOLOGIE A L'UFRGS PAR LES RELATIONS AFFECTIVES PRODUITES DANS L'EXPERIENCE UNIVERSITAIRE

### RÉSUMÉ

Le programme d'extension Muséologie de l'UFRGS: trajectoires et mémoires préserve et enquête sur l'itinéraire de la Muséologie dans cette université, avec des actions de sauvegarde et de communication visant à préserver cette section de l'Histoire de l'éducation. La pandémie de Codiv-19 a stimulé l'équipe à mettre en œuvre des stratégies de lien identitaire pendant l'isolement social. L'une des propositions était l'élaboration de la sous-collection Sonore-Affectivités, qui vise à collecter des récits oraux liés au patrimoine historique et éducatif du point de vue des sujets concernés. L'initiative encourage le partage d'expériences que la dimension matérielle ne considère pas isolement. Ce processus valorise les personnes et leurs relations, qui sont médiatisées par des objets.

**Mots-clés:** Patrimoine historico-éducatif. Collections numériques. Sonore-affectivités.

### INTRODUÇÃO

O presente texto tem por desafio abordar a importância de ações de salvaguarda e comunicação voltadas para a preservação de memórias da educação, essas vinculadas a diferentes materialidades do cotidiano do Curso de Bacharelado em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Criados em 2008 e 2017, respectivamente, ambos integram uma história do ensino superior relativamente recente no Brasil, no entanto, esses treze anos de trajetória concentram uma produção de vestígios que dão suporte às práticas educativas e culturais desenvolvidas por discentes, docentes e técnicos-administrativos. Quando esse percurso concluiu dez anos, a equipe envolvida com a formação identificou a importância de um gerenciamento dessa história universitária, lembrar é resistir, e a Museologia é uma área de conhecimento que lida



diretamente com o exercício da memória. Esse processo reflexivo e criativo resultou o programa de extensão *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias*<sup>1</sup>.

Assim, a partir da apresentação da iniciativa, iremos aprofundar a produção de memórias relacionadas às vivências vinculadas à UFRGS por meio da subcoleção *Afetividades Sonoras*. Essa foi concebida no decorrer do isolamento social para contenção da Covid-19, com o objetivo de valorizar as pessoas que dão sentido à formação em Museologia na UFRGS. Tem por diferencial a estratégia de compartilhamento de áudios associados às evidências visuais, valorizando a subjetividade da memória das/des/dos narradoras/es - dimensão que os documentos por si só não guardam.

### **PRESERVAÇÃO, PESQUISA E DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO EDUCATIVO: O PROGRAMA DE EXTENSÃO MUSEOLOGIA NA UFRGS: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS**

A iniciativa do programa de extensão *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias* é produto de uma demanda recorrente em relação à preservação de registros institucionais vinculados à educação. Surgiu em 2017 quando discentes, docentes e técnicos-administrativos iniciaram um debate sobre os dez anos do curso de graduação em Museologia da UFRGS ao identificarem que indícios de sua história não estavam sendo salvaguardados e que estes se caracterizariam como um acervo vinculado à História da Educação da Museologia no Brasil. Portanto, a iniciativa do programa de extensão é decorrência de um desejo de memória, constituindo uma coleção visitável composta por um patrimônio histórico educativo. Sobre essa perspectiva, Felgueiras (2005, p. 92) analisa:

O património é visto inserido num espaço de vida, organizado e edificado, povoado por conjuntos de objetos portadores de formas, imagens, significados e valores. Património que é "ressignificado" primeiramente pelas comunidades que o herdaram e pode e deve ser partilhado por grupos mais vastos e afastados, como contributo para a formação de um imaginário comum, que poderá ser fortalecido por laços afectivos. Ao falarmos de herança educativa partilhamos quer o sentido afectivo, inerente à nossa condição comum de aluna/o que fomos, e de professor/a, que somos, quer ainda a perspectiva de uma história social, que trabalha a cultura material [...]. Se as ideias e teorias pedagógicas podem ser conhecidas através de escritos, as rotinas do quotidiano escolar e das vivências da condição [...] de aluno/a e de professor terão de ser investigadas através das memórias e materiais a elas associados.

---

<sup>1</sup> Para conhecer o programa de extensão *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias*, disponível em: <http://memoriamslufrgs.online/tainacan/>. Acesso em: nov. 2021



A proposta de reunir um patrimônio histórico educativo, bem como partilhar uma herança educativa como Felgueiras (2005) sinaliza, demandou da equipe debates teórico-metodológicos. Partiu-se da premissa de que os registros da história da Museologia na UFRGS potencializam investigações sobre a/o profissional museóloga/o, a formação em Museologia no Ensino Superior, o campo museal no Rio Grande do Sul, a produção acadêmica museológica no Brasil e que, enquanto militantes em prol da preservação, pesquisa e difusão da memória social e do patrimônio cultural, não poderíamos corroborar com um processo de dissociação e perda de informação de fontes documentais vinculadas a esses processos. De acordo com Souza (2007, p. 169):

É preciso ter em vista que os artefatos são produtos do trabalho humano e apresentam duas facetas: eles têm uma função primária (uma utilidade prática) e exercem funções secundárias, isto é, simbólicas. Significa considerar que os artefatos são indicadores de relações sociais e como parte da cultura material atuam como direcionadores e mediadores das atividades humanas, o que confere aos objetos um significado humano.

Moreno-Martínez (2010) corrobora o apontamento de Souza (2007): as mudanças de atitude de instâncias acadêmicas, políticas e sociais cada vez mais visam estratégias de compreensão das relações humanas, fomentando exercícios que potencializam interpretações sobre os valores associados às evidências que, sob o efeito da função simbólica, constituem na perspectiva desse estudo um patrimônio histórico-educativo. Sobre o contexto que impulsiona essas iniciativas, o autor analisa:

La salvaguarda, conservación, estudio y difusión del patrimonio histórico-educativo ha recibido los últimos veinte años y, en nuestro país especialmente, durante la primera década del nuevo milenio, una atención inusitada desde instancias académicas, políticas y sociales. Los cambios operados en los paradigmas científicos, las políticas públicas tendentes a preservar el patrimonio y las identidades culturales o los movimientos sociales de recuperación de la memoria han favorecido la emergencia y desarrollo de una creciente sensibilización por un amplio elenco de restos materiales e intangibles que, en el ámbito educativo, habían estado tradicionalmente olvidados y menospreciados. Estos cambios de actitud han supuesto la revaloración de un legado que ha comenzado a ser apreciado y reconocido como un conjunto de bienes culturales, como patrimonio histórico-educativo que, más allá de su valor como objetos o testimonios en sí mismos, son capaces de ayudarnos a conocer, si somos capaces de interpretarlos y comprenderlos, la memoria y la historia de nuestras tradiciones y prácticas educativas. (MORENO-MARTÍNEZ, 2010, p. 315).



Para construir uma política de preservação, pesquisa e difusão do patrimônio histórico-educativo em enfoque foi tomado como ponto de partida o ciclo da informação, a fim de estabelecer procedimentos e diretrizes que auxiliassem o processo de produção de conhecimento e seu fluxo. Dodebei (2002) contribui para o debate ao analisar essa dinâmica (FIGURA 1):

**FIGURA 1 - Ciclo da informação**



**Fonte:** DODEBEI, 2002, p. 25.

De acordo com Dodebei (2002) este modelo sistêmico possibilita a análise da produção, acumulação e uso da informação sob duas dimensões: a primeira enquanto transferência da informação e a segunda, já na condição de documento (transferência de informação + operação de atribuição de memória), pela estrutura das instituições de preservação de memória social. Seis etapas fundamentam essa dinâmica: no universo da informação - 1) assimilação: apropriação da informação gerada pelo conhecimento; 2) produção de conhecimentos: informações produzidas pela sociedade e disponibilizadas por vários segmentos; no momento da utilização destas informações que as interseções de significados vão ocorrer; 3) registro: suportes para informações, seja textuais, visuais, sonoras, tridimensionais - no universo do documento; 4) seleção e aquisição: planejadas em função das características da instituição que mantém acervos documentais, funcionando como filtros da sociedade da informação, a fim de favorecer o equilíbrio entre as necessidades de informação do público usuário e a oferta da sociedade [processos redutores]; 5) organização de memória documentária: organização da representação do conhecimento, fundamentado em processos e produtos da condensação de conteúdos informativos no registro; 6) disseminação da informação: transmissão das informações adquiridas para a geração de novos conhecimentos.



As três últimas etapas apresentadas por Dodebei (2002), que compõem a memória documentária, não existem de maneira independente, ao contrário das etapas que configuram o universo da informação. A complexidade informativa dos objetos atribuídos de memória documentária impõe desafio às equipes encarregadas de sua documentação. A noção de coleção e de suas funções são fundamentais para a execução da seleção e aquisição; organização de memória documentária e disseminação da informação. De acordo com Loureiro e Loureiro (2013, p. 7):

Coleções desempenham três funções principais: a primeira é uma “função de conservação”, na medida em que “todo objeto não preservado e não registrado é condenado à inacessibilidade e à perda”. Essa observação vale não apenas para objetos tangíveis, “que desaparecem da memória dos homens e sofrem os estragos do tempo”, mas também para os intangíveis, como “dados, enunciados, imagens e sons”. A segunda função relaciona-se ao acesso, pois uma coleção é “concebida para permitir ou, ao menos, facilitar o acesso aos objetos que a compõem”. Deve ser dotada de uma “dupla acessibilidade” simultaneamente física e intelectual; deve ser não apenas acessível em seu conjunto, mas também “propor os meios para o alcance e apreensão de seus objetos”. A terceira função relaciona-se à identificação e à descoberta, pois “o usuário de uma coleção que não foi construída por ele próprio ou que ele não frequenta regularmente, tem acesso frequentemente por acaso, a objetos cuja existência ignorava”. Uma das grandes questões envolvidas na gestão das coleções seria, assim, “a busca do justo equilíbrio entre boa conservação e boa acessibilidade.

Tendo por desafio mapear relações possíveis de serem evocadas em evidências produzidas no cotidiano da formação em Museologia na UFRGS, foram concebidos sete eixos norteadores:

- *Coleção Institucional*: Visa-se recolher e estabelecer correlação com sistemas da UFRGS que salvaguardam a documentação produzida na fase de planejamento, implantação e desenvolvimento da graduação em Museologia, de especializações episódicas na área e da pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS;
- *Coleção Ensino*: A coleção compreende o patrimônio e práticas educativas vinculadas às disciplinas;
- *Coleção Pesquisa e Extensão*: Abrange registros produzidos a partir de ações, projetos e programas de extensão e pesquisa fomentadas pelo corpo funcional da Museologia da UFRGS;
- *Coleção Exposições Curriculares*: Propõe-se reunir registros vinculados às duas disciplinas obrigatórias de criação, desenvolvimento e exibição de uma exposição curricular: BIB03215. Projeto de Curadoria Expográfica e BIB03217. Prática de Exposições Museológicas;





- *Coleção Eventos*: A coleção compreende registros de eventos produzidos ou com parceria de representação discente, docente e técnico-administrativa vinculada ao curso de graduação em Museologia e/ou pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS;
- *Coleção Saída de Campo*: Visa-se recolher registros das vivências vinculadas às saídas de campo realizadas pela graduação em Museologia e pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS;
- *Coleção Itinerários*: Propõe-se realizar entrevistas com pessoas que possuem relação com a criação e desenvolvimento do curso de graduação em Museologia, especializações episódicas e da pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS. Esta coleção será fundamentada na metodologia da História Oral.

Definidas as linhas temáticas de coleta museal, o desafio foi constituir um processo teórico-metodológico voltado para gestão de acervos, estabelecendo diretrizes e padrões entre a equipe a fim de assegurar que as informações vinculadas aos itens preservados fossem documentadas e facilmente recuperáveis. Tal exercício exigiu se ater às características básicas de um sistema de recuperação de informação, também denominado na Museologia como sistemas de documentação museológica (FERREZ, 1991), uma vez que o programa de extensão tem entre suas finalidades a coleta, processamento, armazenamento e disponibilização de informações referentes ao patrimônio histórico-educativo salvaguardado, de maneira a facilitar seu acesso por futuros/as usuários/as. Sobre os sistemas de informação Ferrez (1991) salienta que suas partes devem ser inter-relacionadas de forma a constituir um todo coerente, que intermedia fontes de informação e usuárias/os, cabendo ter em vista seus objetivos, função e componentes:

Objetivos \* conservar os itens da coleção

\* maximizar o acesso aos itens

\* maximizar o uso da informação contido nos itens

Função \* estabelecer contato efetivo entre as fontes de informação (itens) e as/os usuárias/os, isto é, fazer com que estes, através de informação relevante, transformem suas estruturas cognitivas ou os conjuntos de conhecimento acumulado.

Componentes· \* Entradas: seleção  
aquisição

\* Organização e Controle: registro  
número de identificação/marcação  
armazenagem/localização  
classificação/catalogação  
indexação



\* Saídas: recuperação  
disseminação (FERREZ, 1991, fl. 4)

A autora ainda destaca alguns pré-requisitos indispensáveis ao bom desempenho de um sistema de informação: 1. Clareza e exatidão dos dados; 2. Definição dos campos de informação que irão compor a base de dados do sistema; 3. Normas e procedimentos; 4. Controle de terminologia; 5. Catálogos; 6. Numeração dos objetos; 7. Segurança da documentação (FERREZ, 1991). Para suprir esses pré-requisitos optamos pelo sistema de informação e desenvolvemos uma Política de Acervo que contemple as práticas de incorporação e descarte de acervo (critérios de incorporação, formas de aquisição, critérios para descarte, informativo ao doador) e rotinas para a gestão do acervo.

A equipe do programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* selecionou como repositório digital o Tainacan. Esse é um software brasileiro desenvolvido pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, com apoio da Universidade Federal de Goiás, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus. Segundo seus idealizadores:

O Tainacan é uma solução tecnológica para a criação de coleções digitais na Internet. Pensado para atender a realidade das instituições culturais, ele é um software gratuito, que permite a gestão e a publicação de acervos digitais de forma fácil e intuitiva. Pode ser utilizado para o desenvolvimento de repositórios e bibliotecas digitais, bem como ações de comunicação, exposições e de difusão de acervos digitais. [...] O repositório é composto por coleções que são compostas por itens. Os itens podem ser adicionados em massa ou individualmente, diretamente do seu computador ou por vias externas, por meio de importadores. De acordo com a necessidade de cada coleção é possível configurar taxonomias, metadados e filtros específicos. (TAINACAN, s.a., doc. eletr.).

O Tainacan foi idealizado no contexto de novas práticas de preservação da memória na era da cultura digital. De acordo com Martins e Carvalho Júnior (2016), a virada do séc. XXI teve como uma de suas marcas a possibilidade de a sociedade civil produzir e gestar coleções de objetos digitais de seu interesse em sistemas de alta disponibilidade de serviços. Essas experiências tiveram ressonâncias no campo museal, tornando emergencial que as instituições elaborem e executem estratégias de acesso qualificado a informações em domínio público, integração das bases de dados e a digitalização dos acervos instituídos.

Importante salientar que o processo de disponibilização de um acervo digital exige uma gestão contínua do processo de preservação, pesquisa e disseminação da informação. De acordo





com o Instituto Brasileiro de Museus, a publicação on-line dos acervos culturais, como o patrimônio histórico-educativo, tem como vantagem:

- Informações mais acessíveis e rapidamente localizáveis;
- Possibilidade de enriquecimento da informação sobre os acervos, por meio da conexão com projetos e com conteúdos específicos, de forma colaborativa com outras áreas do museu e da sociedade;
- Possibilidade de vinculação com informações já existentes e de reutilização dos acervos digitais em diferentes contextos e mídias, além de outras áreas e funções da instituição: como marketing, educação, etc.;
- Facilidade de internacionalização dos acervos, agregando valor e relevância social a sua instituição;
- Em um mundo cada vez mais digitalizado, materiais digitais terão maior durabilidade futura. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2020, p. 19-20).

Suportes informacionais como o Tainacan permitem não só armazenar dados, mas ousar e propor experiências diferenciadas com o patrimônio preservado. A Museologia Contemporânea defende que, mais do que os objetos, a atenção de seu exercício deve ser voltada para as pessoas. Assumindo essa premissa enquanto desafio a coleção *Afetividades Sonoras* foi idealizada.

## MUSEOLOGIA, RELAÇÕES E AFETOS

Antes de tudo, os museus e o patrimônio cultural são feitos de pessoas, por pessoas e para pessoas. Ao longo dos anos a Museologia tem sido campo de experimentação de um exercício multidisciplinar que tensiona e adensa diálogos nas áreas da educação, da memória e do patrimônio cultural, evidenciando as sonoridades e sintomas que emanam de experiências individuais e coletivas, singulares e plurais, e que constituem significativa coleção de memórias narrativas, oriundas das corporeidades que confluem nas experiências vividas/concebidas no cotidiano dos diferentes grupos sociais.

Quando pensamos neste campo científico de experimentações é imprescindível levarmos em consideração a função social do museu e o papel essencial de suas/seus profissionais. A professora Heloísa Helena Costa (2020) aponta para a necessidade de (re) pensarmos o bem cultural e sua valoração aos olhos do coletivo que o produziu/produz, assim como, a nossa responsabilidade profissional e humana para com as relações e afetividades que fazem dos espaços museológicos, suas narrativas e representações sociais presentes nos



patrimônios culturais, efetivos instrumentos de construção da saúde cultural das cidades e de suas gentes.

Considerando o bem cultural como algo que tem valor coletivo e um profundo significado para o grupo que o criou, a tarefa do museólogo vai muito mais além do que preservar objetos significativos para uma dada sociedade. Ao observarmos essa profissão com olhar mais aguçado, procurando entender o que é esse bem cultural de que tanto se fala, percebe-se que o museólogo é responsável por preservar a alma das sociedades, por preservar a saúde cultural dos grupos sociais. A questão inicial sugere que um profissional museólogo, bem formado e consciente de seu papel social, responsabiliza-se pela saúde cultural dos cidadãos, porque uma sociedade sem valores culturais preservados fica doente e se deteriora, deixando o patrimônio em ruínas e o sentimento das pessoas, despedaçado. (COSTA, 2020, p. 148).

Nesse sentido, se faz necessário seguir pensando e construindo uma Museologia cada dia mais ajustada às necessidades do sentir-pensar das nossas comunidades, e que coaduna com as metodologias pedagógicas, a fim de que suas/seus profissionais possam contribuir no desenvolvimento de ações que possibilitem a reafirmação identitária, a valorização da memória, a potencialização da produção científica dos diferentes meios onde se produz conhecimento, proporcionando justiça cidadã e educação afetivo-cognitiva à luz dos processos museológicos contemporâneos. Destarte, sejam igualmente desenvolvidas narrativas positivadas das trajetórias e fazeres humanos em seus territórios culturais contribuindo assim, para a valorização das interepistemologias que aí surgem e reverberam no cotidiano da universidade.

Ressaltamos a importância do Movimento Internacional para uma Nova Museologia - MINOM que na Declaração do Rio - 2013, traz diretrizes para uma “Museologia do Afeto”, em cujo teor defende “uma Museologia com intenção de mudança social, política e econômica, a partir da mobilização social” e recomenda que suas “considerações passem a representar os princípios de uma museologia sensível e compreensiva, constituída de novas formas de afetividade, respeito mútuo e indignação e com capacidade de escuta.” (CARTA DO RIO, 2013, doc. eletrônico).

Walter Benjamin nos permite a compreensão de que “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p. 198) A escuta das memórias das pessoas que participam da constante construção dessas sonoridades constituem-se no massapê que nos convida a uma outra mirada: uma mirada que nos faça olhar para uma pedagogia do afeto, para uma museologia do sensível, que permita enxergarmos a capacidade de estudantes, técnicas/os



e docentes serem afetadas/des/dos pela sua própria compreensão de ser e estar no mundo, apercebendo-se de que é necessário o afetar-se pelo que é belo e pelo que desacomoda e constrange, e ainda assim se torna edificante, construtivo.

Pensando no exercício das experiências e vivências que perpassam o campo dos museus, através das narrativas carregadas de distintas linguagens e expressões simbólicas, é possível identificar e (re) estabelecer o diálogo com lugares outros, onde a palavra circula viva e, andante, tal qual uma *biblioteca ancestralmente humana*, imbuída daquilo que atravessa afetivamente nossas memórias e suas sonoridades.

### **QUANDO SE DÁ VOZ AOS OBJETOS: A SUBCOLEÇÃO AFETIVIDADES SONORAS**

Apresentado anteriormente, uma das coleções que compõem o programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* é a denominada *Itinerários*. Sua concepção foi motivada pelo desejo de ter contato com a memória de diferentes sujeitos que possuem, em seu itinerário, relação com essa formação. É uma coleção diferenciada das demais, pois tem como foco prioritário as pessoas, não os objetos. Sua formulação dialoga diretamente com os debates da Museologia Contemporânea:

[...] o pensar sobre as coisas, atos e museus, é muito mais do que possuí-los no desenho das pesadas linhas das definições. [...] As coisas são o que fazemos delas. Por vezes caracterizadas como verbos em vez de substantivos, elas funcionam como nossos reflexos; elas são nossos usos, pensamentos, atos e conceitos. (SOARES, 2012, p. 57-58).

Priorizando as/es/os sujeitas/es/os e suas memórias, o delineamento da coleção exigiu pressupostos teórico-metodológicos próprios. Um documento norteador foi o guia de referência *Tecnologia Social da Memória*, realizado pelo Museu da Pessoa (2009). Voltado para a construção de projetos de memória com a metodologia da História Oral, tem por etapas norteadoras construir, organizar e socializar histórias. Nesta perspectiva, destaca-se:

- A História é uma narrativa. Não há uma única História já pronta. Ela é sempre narrada, contada por alguém. É um processo vivo, permanente. Por mais que fale do passado, a História é feita no presente e, de acordo com a percepção do grupo, ela pode mudar.
- A História é feita pelas pessoas. Toda pessoa é personagem e autora da História. De um lado, ela faz parte e se relaciona com os acontecimentos e rumos coletivos. De outro, participa da autoria desse registro. Como titular de sua trajetória de vida, toda pessoa tem direito de decidir o que quer contar sobre sua experiência, bem como de que forma e para quem quer transmiti-la.



- Toda história tem valor. A história de cada pessoa ou grupo é única, tem valor e merece ser preservada e conhecida. Não há histórias melhores ou piores, nem mais ou menos importantes.
- O uso das narrativas históricas faz parte do cotidiano. A história produzida merece ser preservada para as futuras gerações, mas só é preservado o que tem sentido social. Integrado ao dia a dia presente, de forma acessível e útil, o registro e o uso das histórias se perpetua. Tão importante quanto contar uma história é fazer com que seja ouvida e usada.
- O que é produzido socialmente deve ser apropriado pela sociedade. A história de cada um diz respeito à história de toda a sociedade. Deve-se garantir o acesso público e o amplo uso das narrativas históricas.
- A articulação das histórias contribui para uma nova memória social. Articuladas, as narrativas produzidas por diferentes indivíduos, grupos e instituições tecem uma nova memória social, plural e democrática. (MUSEU DA PESSOA, 2009, p. 13-14).

Tendo os destaques acima como princípios norteadores foi concebida, com o advento da pandemia de Covid-19, a subcoleção *Afetividades Sonoras*. Com a doença, causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus, a humanidade soma aos impactos no gerenciamento da saúde pública desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos de implicações profundas. Medidas de distanciamento e isolamento social foram adotadas em escala global, o que atingiu diretamente o sistema educacional:

Dentre os problemas sociais causados pela pandemia, o sistema educacional merece destaque, uma vez que, em função desta pandemia, o direito à educação tem sido abruptamente privado dos estudantes em seus mais diversos níveis de ensino, pois assim como toda a sociedade, a efeito das políticas públicas de saúde adotadas no país, estão em período de distanciamento social, evitando qualquer tipo de aglomeração, como a principal medida para reduzir o contágio pelo vírus [...]. Por se tratar de uma pandemia onde todos os atores sociais são atingidos, a busca por inovação aliado a criatividade são fatores fundamentais para o enfrentamento dos diversos problemas, que este novo cenário nos propicia. [...] Dessa forma, a universidade participa como agente de transformação, tendo como base o conhecimento gerado dentro da academia. [...] (COSTA *et. al.*, 2020, p. 126-127).

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) paralisou parte significativa de suas atividades em março de 2020, posteriormente sendo adotado o ensino remoto emergencial (ERE). Naquele momento, sem ter a dimensão das consequências da doença, todos acreditavam em um retorno presencial em curto prazo. O impacto da Covid-19 ainda se faz presente, no momento da escrita desse texto a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que estamos entrando em uma quarta onda da pandemia do novo coronavírus (VALENTE, 2021). É fato que o vírus ainda se perpetua com variantes mais transmissíveis. Sentimentos como impotência e desesperança, solidão, ansiedade, estresse e medo alertam para a necessidade de cuidados com



a saúde mental, que causam consequências físicas e psicológicas. Oliveira (2021), a partir do estudo "Global Student Survey", apresenta essa realidade entre os/as estudantes universitários/as:

Sete a cada dez universitários brasileiros (76%) declaram que a pandemia trouxe impacto na saúde mental, o maior índice registrado em 21 países analisados, segundo uma pesquisa divulgada nesta sexta-feira (26) [26/2/2021]. Para a maior parte (87%), houve aumento de estresse e ansiedade. Apenas 21% buscou ajuda, e 17% declararam ter pensamentos suicidas. O estudo "Global Student Survey" ouviu 16,8 mil estudantes de 18 a 21 anos, entre 20 de outubro e 10 de novembro. Ele foi feito pela Chegg.org, organização sem fins lucrativos ligada à Chegg, empresa de tecnologia educacional norte-americana. [...] "Em todo o mundo, os estudantes nos disseram claramente que os maiores problemas enfrentados por sua geração são o acesso a empregos de boa qualidade e a crescente desigualdade. Lidar com esses desafios é mais importante do que nunca após a devastação econômica causada pela Covid, e a educação é a chave para isso", afirma Lila Thomas, diretora de impacto social da Chegg e presidente da Chegg.org. (OLIVEIRA, 2021, doc. eletr.).

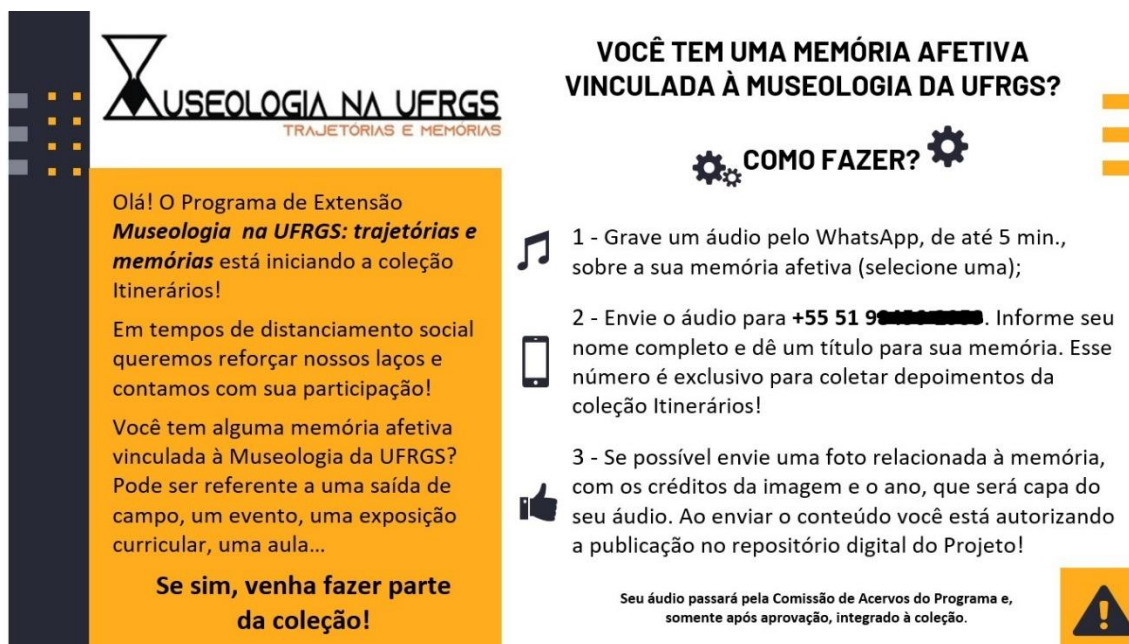
A equipe do programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* considerou a importância de se buscar estratégias que minimizem os impactos negativos do isolamento social, defendendo que esta medida é necessária, mas como isolamento físico somente. Uma estratégia era estimular o fortalecimento de laços afetivos no ciberespaço, através de exercícios de memória, registrando episódios que marcaram a vida dos/as protagonistas envolvidos/as e, nesse processo, estimular conexões entre os diferentes sujeitos.

A subcoleção *Afetividades Sonoras* é um exercício de valorização das pessoas que dão propósito à formação em Museologia da UFRGS. Seu desafio é ligar as pessoas por meio de memórias evocadas por referências materiais ou visuais, potencializando múltiplas interpretações sobre o patrimônio dessa comunidade universitária. A subcoleção é compreendida como espaço de encontro e partilha.

Para iniciarmos a coleta museal foi elaborada uma chamada aberta de compartilhamento de relatos em áudio com duração de até cinco minutos, com o envio de uma imagem de referência que rememore visualmente a narrativa selecionada (FIGURA 2). Os registros, sonoros e visuais, são enviados para as/es/os executoras/es do programa de extensão pelo aplicativo WhatsApp, passando posteriormente por um tratamento documental para integrar a subcoleção. Cada depoimento gera um número de registro e são informados título, tags, tempo de duração do áudio, dimensões, data de envio, localização, material/ técnica, produtor/autor, procedência, comentários/dados históricos, estado de conservação e condições de reprodução.



**FIGURA 2** - Chamada aberta para a subcoleção *Afetividades Sonoras*.



**MUSEOLOGIA NA UFRGS**  
TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

Olá! O Programa de Extensão **Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias** está iniciando a coleção Itinerários!

Em tempos de distanciamento social queremos reforçar nossos laços e contamos com sua participação!

Você tem alguma memória afetiva vinculada à Museologia da UFRGS? Pode ser referente a uma saída de campo, um evento, uma exposição curricular, uma aula...

**Se sim, venha fazer parte da coleção!**

**VOCÊ TEM UMA MEMÓRIA AFETIVA VINCULADA À MUSEOLOGIA DA UFRGS?**

**COMO FAZER?**

- 1 - Grave um áudio pelo WhatsApp, de até 5 min., sobre a sua memória afetiva (selecione uma);
- 2 - Envie o áudio para **+55 51 901234567**. Informe seu nome completo e dê um título para sua memória. Esse número é exclusivo para coletar depoimentos da coleção Itinerários!
- 3 - Se possível envie uma foto relacionada à memória, com os créditos da imagem e o ano, que será capa do seu áudio. Ao enviar o conteúdo você está autorizando a publicação no repositório digital do Projeto!

Seu áudio passará pela Comissão de Acervos do Programa e, somente após aprovação, integrado à coleção.

**Fonte:** Programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, 2021.

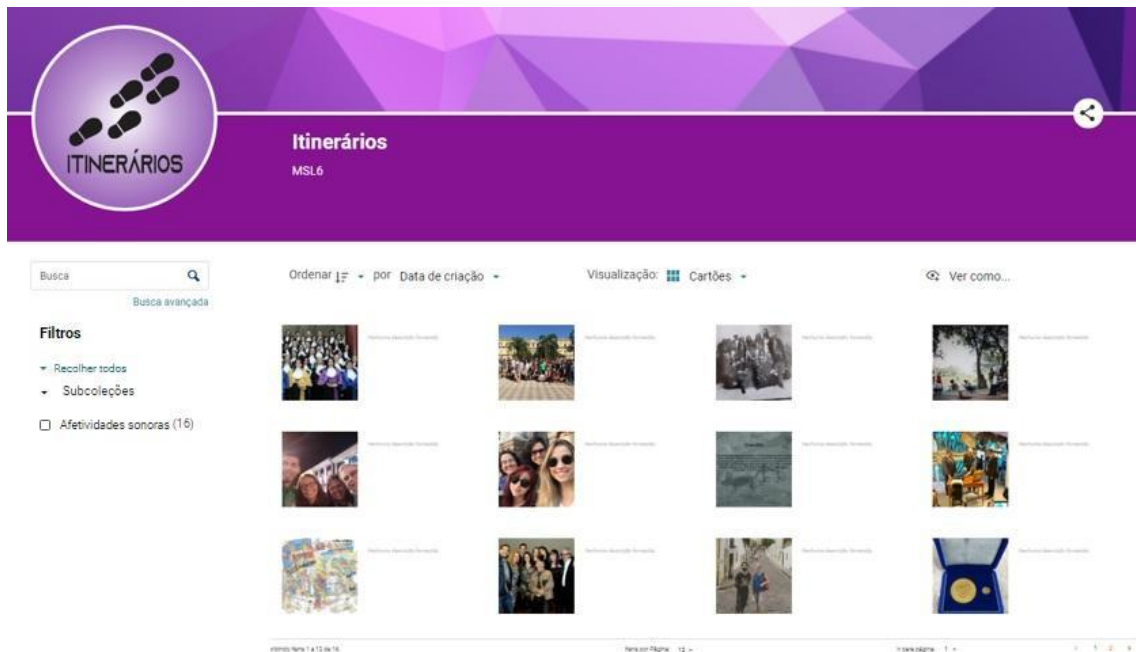
A composição da subcoleção *Afetividades Sonoras* se tornou uma interessante experiência para acompanhar a dinâmica entre a memória individual e a memória coletiva. Se há uma personificação da narrativa atravessada pelos sentidos e pela linguagem própria da pessoa, recordada em indícios marcantes para o indivíduo, concomitantemente essa memória representa o coletivo, pois evoca acontecimentos vividos pelo grupo, construindo e preservando uma identidade cultural. A proposta é rememorar momentos marcantes de uma coletividade da UFRGS que compartilha traços identitários.

Nesse processo os objetos ganharam voz. Fotografias, criações artísticas e outras materialidades foram interpretadas por narradores/as diversos/as (FIGURA 3): *Afetividades Sonoras* é a subcoleção mais democrática do programa de extensão, seja por ter ampliado a inserção de novos/as agentes, seja pela escolha de acervos inéditos a serem preservados, ou mesmo pela ampliação da dimensão simbólica compartilhada pelas narrativas.





**FIGURA 3** - Subcoleção *Afetividades Sonoras*



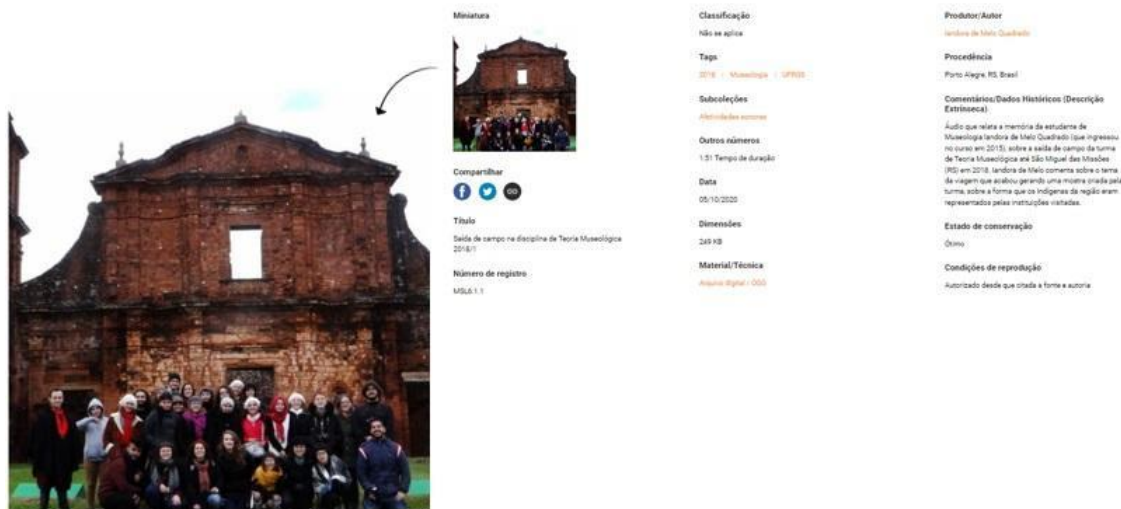
**Fonte:** Programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, 2021.

As memórias compartilhadas possibilitam observar como diferentes episódios do cotidiano da graduação em Museologia e da Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio marcam as experiências vividas na UFRGS. Foram destacadas, por exemplo, saídas de campo, viagens de estudo, atos de militância em prol do patrimônio cultural, projetos de extensão, curadorias de exposições, formaturas e eventos. Ou seja, ainda que sejam ações características da formação, para os sujeitos foram momentos diferenciados.

O interessante é observar como acervos - muitos que já estão previstos para serem incorporados no Repositório Digital em coleções próprias de suas temáticas - ganham sentido afetivo, difícil de ser apreendido sem o registro da relação entre sujeito e objeto. Dois exemplos serão aqui compartilhados - objeto selecionado + a descrição de seus áudios -, para enfatizar como os áudios potencializam as memórias que as pessoas construíram em suas vivências na UFRGS:



**FIGURA 4** - Item MSL6.1.1 - Saída de campo na disciplina de Teoria Museológica 2018/1



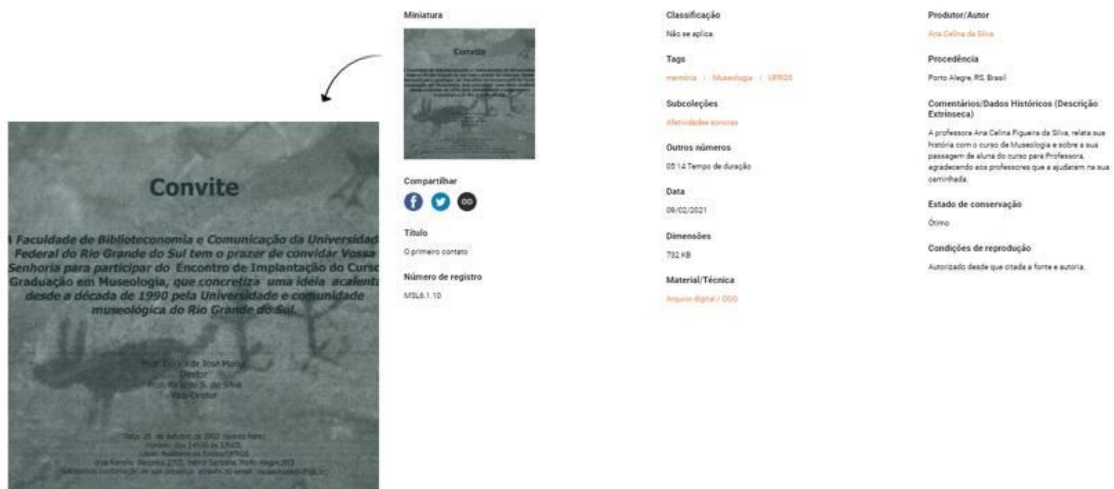
**Fonte:** Programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, 2021.

Oi! Eu me chamo Iandora de Melo Quadrado, eu sou estudante da Museologia, ingressei no ano de 2015, e eu queria compartilhar um pouquinho uma memória que eu tenho. Na verdade, eu tenho várias memórias em relação ao curso, mas eu gostaria de compartilhar uma delas, que me marcou bastante. Foi no primeiro semestre do ano de 2018, na disciplina de Teoria Museológica, em que nós tivemos uma saída de campo, nós fomos até São Miguel das Missões e lá nós tivemos a oportunidade de refletir um pouco sobre a questão indígena local, e a partir dessa experiência, a partir de pesquisas a gente desenvolveu uma mostra expográfica que me marcou muito, porque embora eu seja professora de História foi um momento de energia e de pensar de uma forma diferente, mais de perto sobre a questão indígena e é uma questão que tenho trazido desde então nos meus trabalhos, nas minhas pesquisas, na própria exposição curricular que nós fizemos essa temática de alguma forma foi abordada. Agora estou próxima da conclusão de curso e vou trabalhar isso no meu TCC. Acho que é isso, a minha memória é bem marcante, foi bem marcante, o grupo que nós fomos, as discussões que foram feitas, foi uma primeira experiência expográfica, embora não tenha sido uma exposição, mas foi uma mostra de fotos e foi bastante interessante pensar em grupo, então era isso. Obrigada e um beijo. (MELO, 2020, inf. verbal)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Para escutar o áudio, disponível em: [https://memoriamslufrgs.online/tainacan/itinerarios/18686-2/?perpage=12&order=DESC&orderby=date&pos=15&source\\_list=collection&ref=%2Ftainacan%2Fitinerarios%2F](https://memoriamslufrgs.online/tainacan/itinerarios/18686-2/?perpage=12&order=DESC&orderby=date&pos=15&source_list=collection&ref=%2Ftainacan%2Fitinerarios%2F). Acesso em: nov. de 2021.



**FIGURA 5 - Item MSL6.1.10 - O primeiro contato.**



**Fonte:** Programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, 2021.

Meu nome é Ana Celina, eu tenho muitas memórias afetivas, muitas memórias do coração em relação ao curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tanto em relação aos professores do curso, todos os professores, não quero cometer nenhuma injustiça com ninguém, então não vou mencioná-los, e também em relação aos meus colegas da primeira turma de Museologia que ingressou em 2008. Mas como tem que selecionar uma entre tantas memórias boas e carinhosas, eu resolvi relatar o meu primeiro contato com o curso, antes do curso iniciar. É algo que aconteceu em 2007, onde a universidade divulgou em uma tarde de 2007 - não me lembro exatamente o dia - que o Departamento de Ciências da Informação faria uma apresentação do Curso de Museologia, que teria o seu primeiro vestibular em 2008. Deu a calhar que era uma tarde que não trabalhava, que não teria aula e eu entrei em contato para ver se era pra comunidade (fiquei até na dúvida) e sim, era aberto ao público e eu fui, fui lá de tarde para ouvir qual era a proposta do curso, como era a estrutura. E lá encontrei quem falou em nome do Curso, na época o diretor até era, se não me engano, o professor Valdir Morigi, mas quem falou em nome do curso foi a professora Ana Maria Dalla Zen, claro que ela estava representando um grupo de muitas pessoas, de muitos professores que estavam engajados na construção do curso e nesse ponto destaco a professora Iara Bittencourt, a professora Marlise Giovanaz, que atuaram muito, mas a Dalla (como a gente chama ela carinhosamente) é que falou, e me lembro até hoje da figura, da presença dela naquele dia. Ela estava muito bonita, com um vestido preto, maquiada, muito elegante, estava muito bonita, e ela falou com um entusiasmo tão grande do Curso, com uma alegria, com uma satisfação que me contagiou. Até inclusive ela mencionou que já poderia se aposentar, mas que esse projeto fez com que quisesse permanecer, tinham coisas a serem feitas ainda. Ela sentia isso. Eu só tinha visto uma vez a professora Dalla, não conhecia ela, mas a alegria dela, a forma como ela colocou as coisas me encheram de vontade, eu estava receosa se deveria ou não prestar vestibular - afinal fazia tantos anos que eu não estudava, já tinha outra formação, um pouco na dúvida, um pouco no medo, tinha 42 anos, iniciar uma graduação novamente - mas ela foi tão entregue, percebi a entrega dela no projeto desse curso que eu saí de lá com certeza absoluta que eu



deveria fazer o vestibular, cheia de esperança e coragem. E fiz, prestei o vestibular em janeiro de 2008, tive a sorte de passar, de fazer parte da primeira turma da Museologia. Claro, no início a gente tem todas as dificuldades, o que é normal, mas o que a Dalla representou naquele dia, alegria, esperança e coragem, foram a marca da trajetória do início do Curso. E se não fosse ela, se não fosse naquela tarde ouvi-la, eu não sei se teria feito, ela me deu esse empurrão sem saber, que fez eu fazer o Curso. E hoje eu tenho a alegria de fazer parte do corpo docente desse Curso. Isso faz a gente refletir da importância desse primeiro contato e como é importante a gente se apaixonar pelas coisas que a gente faz, e a professora Ana Maria Dalla Zen realmente é uma apaixonada pelo que ela faz, é uma apaixonada pelo Curso de Museologia. A minha memória carinhosa, que guardo dentro do coração, é essa. É a primeira, vieram muitas depois, mas essa é especial. (SILVA, 2021, inf. verbal)<sup>3</sup>.

Os dois exemplos compartilhados demonstram a relação simbólica do sujeito com o objeto: as depoentes dotam os vestígios materiais/visuais de sentidos, processo que potencializa as vivências. Interessante destacar que esses indícios - nos exemplos citados a fotografia e o convite -, se tornam ricas tessituras que, conduzidas pela dinâmica da memória, preservam não somente as materialidades, mas, especialmente, a dimensão intangível marcada pelas interações entre pessoas.

As memórias afetivas coletadas, compreendidas nesse exercício museal como patrimônio, colaboram para compreender como diferentes agentes atribuem valor às práticas da comunidade universitária que integram. O patrimônio histórico educativo da formação em Museologia na UFRGS é constituído no cotidiano dessa comunidade - que defende por princípios a valorização do conhecimento, o respeito à diversidade, o estímulo à criatividade, a resistência e militância, e o exercício da cidadania. Que a subcoleção *Afetividades Sonoras* nos afete sobre a importância da universidade pública brasileira, que transforma continuamente a vida das pessoas e, conseqüentemente, a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subcoleção *Afetividades Sonoras* é resultado de um exercício improvisado, tentativa de unir uma comunidade universitária em um momento histórico em que os laços identitários encontram-se fragilizados. As medidas necessárias para a contenção da pandemia criaram situações inéditas para formações presenciais: há turmas em que discentes não se conhecem

---

<sup>3</sup> Para escutar o áudio, disponível em: [https://memoriamslufgrs.online/tainacan/itinerarios/20654-2/?perpage=12&order=DESC&orderby=date&pos=6&source\\_list=collection&ref=%2Ftainacan%2Fitinerarios%2Fpage%2F2%2F](https://memoriamslufgrs.online/tainacan/itinerarios/20654-2/?perpage=12&order=DESC&orderby=date&pos=6&source_list=collection&ref=%2Ftainacan%2Fitinerarios%2Fpage%2F2%2F). Acesso em: nov. de 2021.



para além do compartilhamento de câmeras em salas de aula virtuais e a rotina cotidiana no campus é uma ideia longínqua. Compartilhar memórias vivenciadas na UFRGS se tornou uma estratégia adotada pela formação em Museologia - em nível de graduação e pós-graduação - para reforçar a sensação de pertencimento a uma determinada coletividade (que tem por referência a UFRGS, mas é composta e consolidada por muitos grupos com suas singularidades), enfatizando a importância de cada pessoa que integra essa dinâmica social.

A coleta de memórias vinculadas ao dia-a-dia universitário, que democratiza a/o narradora/narrador, amplia as possibilidades de interpretar uma história da UFRGS para além das fontes oficiais. São indícios que valorizam uma micro-história da Universidade nos pormenores, onde o ponto de vista é um elemento a ser considerado na construção dessa memória coletiva.

Embora as memórias coletadas tenham por traço a singularidade de sua elaboração, encontramos uma convergência entre elas: a importância dada às relações entre os sujeitos. As trocas entre discentes, docentes e técnicos-administrativos são marcantes quando escutamos os áudios. Os objetos visuais auxiliam essa interpretação, sendo elementos mediadores de uma dimensão intangível da memória. Esse processo reforça que a universidade é um patrimônio público, significado e partilhado pelas dinâmicas de afeto.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

COSTA, Agnaldo da; BEUREN, Arlete Teresinha; ITO, Giani Carla; SCHEINER, Eduarda Maria. Universidades federais e as ações de enfrentamento no combate à pandemia da COVID-19. *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 16, n. 44, p. 125-141, 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/12237/7834>. Acesso em: nov. 2021.

COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves. Museus fazem bem à saúde?: uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 17, p. 147-157, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/29475>. Acesso em: nov. 2021.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle. Representação documentária. *In: DODEBEI, Vera Lucia Doyle. Tesouro: linguagem de representação da memória documentária*. Niterói: Intetexto; Rio de Janeiro: Iterciência, 2002. p. 19-38.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: a importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pro-Posições*. UNICAMP,





v.16, n.1(46), p. 87-102, jan./abr. 2005. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643756>. Acesso em:  
nov. 2021.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica - Teoria para Uma Boa Prática. *In: IV FÓRUM DE MUSEUS DO NORDESTE*, 4. **Anais** [...]. Recife, 1991. 10 fls.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Acervos digitais nos museus**: manual para realização de projetos. Instituto Brasileiro de Museus; Universidade Federal de Goiás - Brasília, DF: Ibram, 2020. 140p.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. **Midas**, n. 1, 11p., , 2013. Disponível em:  
<https://journals.openedition.org/midas/78>. Acesso em: nov. 2021.

MARTINS, Dalton; CARVALHO JUNIOR, José Murilo Costa. Memória como prática na cultura digital. *In: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos equipamentos culturais brasileiros*: Tic cultura 2016. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. p. 45-52. Disponível em: <https://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao-nos-equipamentos-culturais-brasileiros/>. Acesso em: nov. 2021.

MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA. Declaração MINOM Rio 2013. *In: CHAGAS, Mario; ASSUNÇÃO, Paula; GLAS, Tamara. Museologia social em movimento. Cadernos do CEOM*, ano 27, n. 41 - Museologia Social, 2021.

MORENO-MARTÍNEZ, Pedro Luis. El patrimonio histórico-educativo. Su conservación y estudio. **Educatio Siglo XXI**, 28(2), p. 315-317, 2010. Disponível em:  
<https://revistas.um.es/educatio/article/view/112131>. Acesso em: nov. 2021.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia Social da Memória** - para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias, 2009. 51p. Disponível em:  
[https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro\\_tecnologia\\_social\\_da\\_memoria.pdf](https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro_tecnologia_social_da_memoria.pdf). Acesso em: nov. 2021.

OLIVEIRA, Elida. Brasil tem maior índice de universitários que declaram ter saúde mental afetada na pandemia, diz pesquisa. **G1**, 26 de fevereiro de 2021. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/02/26/brasil-tem-maior-indice-de-universitarios-que-declaram-ter-saude-mental-afetada-na-pandemia-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: nov. 2021.

SOARES, Bruno César Brulon. A experiência museológica: conceitos para uma fenomenologia do Museu. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 5, n. 2, p. 55-71, 2012. Disponível em:  
<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/216.%20Acesso>. Acesso em: nov. 2021.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. *In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas*: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.





TAINACAN. **Um software livre, flexível e potente para criação de repositórios de acervos digitais em WordPress**, s.a. Disponível em: <https://tainacan.org/>. Acesso em: nov. 2021.

VALENTE, Jonas. Diretora da OMS diz que mundo está entrando em quarta onda de covid-19. **Agência Brasil**, 22 de novembro de 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-11/diretora-da-oms-diz-que-mundo-esta-entrando-em-quarta-onda-de-covid-19>. Acesso em: nov. 2021.

Recebido em: 15 de dezembro de 2021

Aceito em: 06 de junho de 2022